

---

## As múltiplas gradações do pluralismo religioso dos portugueses.

*Helena Vilaça*

O estudo empírico do pluralismo aqui apresentado baseia-se nos resultados de um inquérito, realizado à escala europeia, sobre pluralismo religioso e moral, no âmbito do projecto Religious and Moral Pluralism (RAMP). Esta pesquisa teve por alvo primordial aprofundar o conhecimento em termos da diversidade cultural europeia, procurando evidenciar não apenas a extensão do pluralismo cultural como também os seus desafios, as suas oportunidades e os seus perigos.

Os resultados da investigação realizada não se confinam ao projecto RAMP nem na sua dimensão teórica nem no plano da pesquisa empírica. Contudo, cruza-se inquestionavelmente com a sua problemática: há hipóteses partilhadas e parte dos resultados nacionais do inquérito são aqui apresentados, ainda que sem uma componente comparativa dada a centralidade que a sociedade portuguesa ocupa na qualidade de objecto empírico.

Por questões de enquadramento, deixamos um apontamento sobre o inquérito do RAMP. O questionário foi estruturado em torno de quatro eixos fundamentais, a saber: normas morais; pluralismo religioso; relação entre a religião e a moralidade; causas do pluralismo. A componente do pluralismo que é para nós central é a religiosa. Neste aspecto, RAMP tenta medir a religião de um modo mais subtil do que aquele que tem sido realizado noutras pesquisas comparativas. Não se questiona apenas sobre a oração, mas também as razões porque se ora e há questões sobre matérias relacionadas com a Igreja Católica que são altamente relevantes em países católicos e mistos. Em complemento, apresentam-se questões muito específicas em termos da imagem de Deus e de Jesus Cristo, a compreensão da Bíblia e o significado da morte e do sofrimento.

Outro ponto fundamental é o da relação entre a religião e o processo de globalização. Concretamente, importa perceber até que ponto a globalização implicará que a religião se torne mais universalista. Diversos itens no inquérito têm a intenção de medir tendências universalistas, em particular questões sobre a concepção de Deus e a salvação.

Uma das preocupações do RAMP consistiu em fazer uma tentativa, quase pioneira, de medir o impacto da diferenciação funcional ao nível dos vários subsistemas e da secularização macro-societal nas consciências individuais. Trata-se de medir a questão da compartimentalização (Dobbelaere, 1999), isto é, de avaliar o modo como as pessoas concebem a relação entre a religião institucionalizada e os outros subsistemas, como o político e o jurídico. Devido a limitações de tempo de aplicação do questionário, o RAMP incluiu apenas alguns itens sobre superstições para testar essas hipóteses. Em complemento, tais itens possibilitarão o estudo dos bricolages religiosos, isto é, a combinação de crenças religiosas dentro da ortodoxia com crenças paralelas como, por exemplo, o horóscopo ou o uso de talismãs (Champion, 1990; Voyé 1994; Lambert, 1995).

Por último e com toda a centralidade para o nosso objecto, merecem relevo as questões que procuram testar o pluralismo religioso através do confronto do inquirido com a diversidade religiosa, quer interpelando acerca da aceitação de grupos tidos como sectários (Testemunhas de Jeová e Cientologistas), quer sobre práticas concretas de certas comunidades religiosas (por exemplo, o sacrifício de animais, o impedimento de transfusões de sangue ou mesmo o suicídio), quer ainda acerca do papel (conflitual ou culturalmente positivo) que um leque variado de grupos religiosos pode desempenhar na sociedade.

Os diversos enfoques teóricos que sustentam a investigação acordam num ponto: que a sociedade contemporânea se caracteriza pela pluralidade de visões do mundo e que os indivíduos detêm um nível de emancipação mais elevado para fazerem opções, aspecto que, por sua vez, remete para a privatização, isto é, para a individualização da crença. A análise dos posicionamentos e atitudes individuais perante o fenómeno religioso abarca, entre outros aspectos, as predisposições maiores ou menores para o particularismo ou para o universalismo,

a percepção e os posicionamentos em relação à separação entre o religioso e os outros domínios da vida social e o contraponto da crença e tradição religiosas com a religiosidade auto-construída em função de outras opções existentes no campo religioso ou de um trabalho de bricolage que mistura crenças e práticas de fontes diversas.

Pretendeu-se apreender as várias dimensões do pluralismo religioso e os conceitos e constructos que o explicam, sejam a compartimentalização, a religiosidade individual e os indicadores de caracterização, tais como, o sexo, a idade, a escolaridade ou o habitat. Neste sentido, procedeu-se a uma análise da organização das atitudes face ao pluralismo religioso e dos elementos explicativos dessas mesmas atitudes.

Primeiro, foi possível identificar, através da AFCP, o modo como os indivíduos organizam as suas representações de pluralismo. Encontrámos o pensamento estruturado em duas dimensões: a liberdade de culto, agrupando esta os indicadores relativos à avaliação feita por cada inquirido quanto ao direito à prática religiosa das Testemunhas de Jeová e dos Cientologistas e quanto à liberdade de aprendizagem de ensinamento de outras religiões; e a liberdade de práticas que cobre o conjunto de itens relativos ao “direito de” consumir drogas leves, de impedir transfusões de sangue e de cometer suicídio, caso estes actos façam parte dos rituais religiosos de um indivíduo.

Passando ao plano explicativo, foi possível confirmar que a atitude mais receptiva à diversidade religiosa se encontra entre os mais jovens, os indivíduos com elevados níveis de educação, os urbanos, os que ocupam uma posição ideológica à esquerda e aqueles que atribuem importância à igualdade. Merece especial destaque a escolaridade, dado que foi este preditor que se evidenciou como o mais explicativo nas predisposições para o pluralismo.

São ainda mais pluralistas os indivíduos com menores índices de religiosidade. Não se confirma, assim, a hipótese, também formulada e de sentido contrário, de que uma forte religiosidade viesse a revelar-se compatível com uma atitude pluralista. Apesar de se denotar a presença de indivíduos com forte religiosidade aliada a uma atitude pluralista, esta não é a tendência dominante.

Dentro da religiosidade individual, a regularidade da frequência de actos de culto é o indicador que mais diferencia os níveis de pluralismo. É nos indivíduos com prática religiosa irregular ou nula que encontramos uma maior aceitação da diferença religiosa quer na sua componente institucional (aceitação da coexistência de outros grupos religiosos numa mesma sociedade), quer em termos de práticas rituais específicas de outras crenças e pertenças religiosas.

As posições manifestadas relativamente às questões da compartimentalização encontram variáveis explicativas comuns às do pluralismo: os mais jovens, mais escolarizados, com postura ideológica de esquerda, com religiosidade menos intensa, urbanos e do sexo masculino são aqueles que maior tendência têm a visualizar o político e o religioso como esferas distintas. Também foi possível constatar que a compartimentalização se correlaciona positivamente com o pluralismo, isto é, indivíduos com atitudes favoráveis à separação entre o Estado e a Igreja são também mais abertos à diversidade religiosa.

Passando à religiosidade individual, as três dimensões que a definem (saliência, crenças, e ritual) são influenciadas pelo género. Uma vez mais se corrobora aquilo que as pesquisas que abordam a religião, tanto em Portugal como a nível internacional, repetidamente têm revelado: as mulheres são mais religiosas do que os homens. Ao contrário do que acontece com o pluralismo ou a compartimentalização, a escolaridade não apresenta uma linearidade na explicação da religiosidade. Mesmo assim, são os indivíduos com graus de literacia mais elevados aqueles que se colocam nos pontos mais baixos da escala da religiosidade. Os mais velhos, residentes em meios rurais e com uma socialização religiosa forte, são também os mais religiosos.

Existe uma correlação das dimensões da religiosidade individual com a compartimentalização, o que demonstra que aqueles que apresentam menores níveis de pluralismo e maiores índices de religiosidade defendem uma maior proximidade entre Estado e Igreja.

Por último, um aspecto que merece especial atenção tem a ver com o facto de a dimensão da saliência explicar, segundo uma orientação negativa, a dimensão liberdade de culto e a dimensão ritual explicar, também negativamente, a liberdade de práticas. Enquanto a saliência reúne um conjunto de indicadores em consonância com o dogma religioso católico, o ritual, por seu turno, remete para a função social da religião, naquilo que ela representa em termos de práticas exteriores. Por esta razão, parece-nos lógico que um forte enquadramento na religião dominante em termos de práticas exteriores (perceptível por um índice de saliência elevado) esteja associado a uma reacção negativa à existência de outras firmas religiosas concorrentes, para utilizar uma expressão típica da teoria da escolha racional.

Em contrapartida, a dimensão ritual está menos confinada à dimensão intimista da religião e não implica um forte enquadramento religioso institucional. O que está, neste caso, em causa é principalmente uma postura utilitarista perante a Igreja Católica, instituição em relação à qual permanece um vínculo cultural. Desta forma, entende-se que quanto maior for a importância atribuída aos rituais tradicionais, maior será a dificuldade em aceitar outras práticas culturais religiosas.

O monolitismo religioso continua, deste modo, a matizar culturalmente as representações religiosas dos portugueses. A sociedade portuguesa de hoje, tal como há vinte cinco anos atrás, é uma sociedade católica, que apresenta sinais de pluralização, mas fracos indicadores de formação de um mercado religioso competitivo. Partilhamos da opinião de Liliane Voyé (1992), quando a autora alerta para a necessidade de tomar algumas precauções em relação à ideia de que o pluralismo religioso resulta em exclusivo de uma situação de mercado, onde os “consumidores” fazem as suas escolhas religiosas em função dos seus projectos (Ibidem: 160-161). Não se pode ignorar que a religião favorece a reprodução, ainda que esta se processe por via de uma herança parcial.

Mas como contra tendência, a globalização é, sem dúvida alguma, um processo cada vez mais presente na estruturação das sociedades e traduz-se nas esferas económica, política, cultural, tecnológica e social (Giddens: 2000). Para além de se afigurar como tendência crescente, também se assume cada vez mais como irreversível e os media são veículos e instrumentos fundamentais nesse âmbito. A religião faz parte desse sistema global de comunicação. É no reconhecimento desse fenómeno, empiricamente sustentado, que se pode afirmar que a pluralização da sociedade portuguesa, é a outra face da realidade religiosa. Por um lado, há indicadores disso nas estatísticas oficiais, nos fenómenos de imigração (que alimentaram o crescimento da comunidade islâmica e da Igreja Ortodoxa) e nos dados que revelam a reprodução da pertença a minorias religiosas (como entre os evangélicos e as Testemunhas de Jeová), através da transmissão geracional. Por outro, a percepção e as atitudes dos portugueses em relação à diferença religiosa são diferenciadas e auspiciam que, a par de valores e visões tradicionais, vão sendo traçados novos horizontes de apreensão e de convivência com a religiosidade, na sequência dos quais aquilo que é periférico no campo religioso vá alargando o terreno das suas margens e adquirindo um lugar simbólico mais claro no espaço público e no conjunto da sociedade portuguesa.